

III — Depoimentos biográficos

(por ordem cronológica dos assuntos)

1

DA NOVA SYLVA, A RENASCENÇA PORTUGUESA

por Veiga Pires

A geração de 90, tendo como representantes da vanguarda, Afonso Costa, António Luís Gomes e António José de Almeida, forma o Directório de 1904, iniciando com renovado impulso o movimento das grandes massas.

Vai recommençar a luta contra o velho sistema.

O assalto definitivo tarda ainda, mas uma primeira fase está ganha — a da reorganização dos elementos populares; outra vai desenrolar-se em breve no terreno onde mais duramente poderia ferir-se a monarquia — nas Escolas.

A Juventude de todo o País irá agora participar no debate.

É a greve famosa de 1907.

Ai vemos a mocidade escolar assumir um papel determinante na vida nacional dentro da sua esfera própria de pensamento, acção e luta.

Com a greve de 1907 surge Jaime Cortesão a definir-se desde logo, cercando-se de prestígio, dominando pelo ardor e pelo talento. Era então segundanista da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A partir dessas horas primeiras de recontro e entusiasmo, Cortesão vincula o seu nome na História Portuguesa a todos os momentos cruciais. Tanto como a elaboração duma obra perdurável, a barricada política será seu campo de férvida actividade.

Não constituiu um acontecimento menor a greve de 1907, vista na perspectiva histórica anterior ao 5 de Outubro. É um fenómeno social a fixar não só pelo ineditismo, mas também pelas consequências de que se revelou prenhe.

É difícil avaliar hoje a impetuosidade, o arranque da Academia no conflito. Ela teve o claro sentido das responsabilidades intelectuais e políticas aceites à face da Nação. Nunca outro movimento desta ordem atingiu tal amplitude ou interessou tão vivamente a opinião pública.

Em 1907 a Academia Portuguesa tomou partido definitivamente no impacto nacional.

A greve provocada pela reprovação de Dias Ferreira, em concurso efectivado na Universidade de Coimbra, estala de súbito e durante meses ergue a enorme população estudantil, desde as Escolas Superiores às Secundárias, contra o ensino arcaico e, para além dele, contra a ditadura de João Franco. O ditador inábil permitiu que um episódio escolar, sem aparente relevo nacional, se transformasse em choque não só contra a envelhecida estrutura do Ensino Superior, mas também contra a Monarquia responsável pela inferiorização do Ensino.

De facto, a greve tornara-se revolucionária.

Augusto Martins, qualificado elemento grevista, confidenciou-nos que, na Escola Prática de Vendas Novas, onde os cadetes de artilharia foram concentrados, tomara parte na conjura para avançarem sobre Lisboa a proclamar a República, Ingenuidade, decerto, mas que mostra o estado de sobreexcitação atingido e como os estudantes não se batiam apenas por uma Reforma Escolar, mas por um ideal político.

«Temos uma radiosa esperança — a Liberdade» (1) — dizia-se na revista literária dirigida por dois dos mais aguerridos fomentadores da greve — Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra.

Eram dois mundos a defrontar-se — um agonizante, outro iluminado pelo esplendor da juventude.

O poder duro de Franco não atendeu as reclamações «justas e purificadoras» — impôs o encerramento de matrículas no fim do ano lectivo. Venceu.

O nepotismo asfixiou uma vez mais, aparentemente, a ideia.

A maioria flectiu. Salvaram-se no lance, porém, os *Intransigentes*, como depois se ficaram conhecendo os que recusaram garantir o ano com um gesto subserviente. Esses ascenderam verdadeiramente a símbolos encarnando um ideal de dignidade. O seu gesto ergueu-os à altitude de heróis, apontados com orgulho pela mocidade. Muitos distinguiram-se mais tarde como vultos assinalados na intelectualidade republicana. Entre eles Jaime Cortesão,

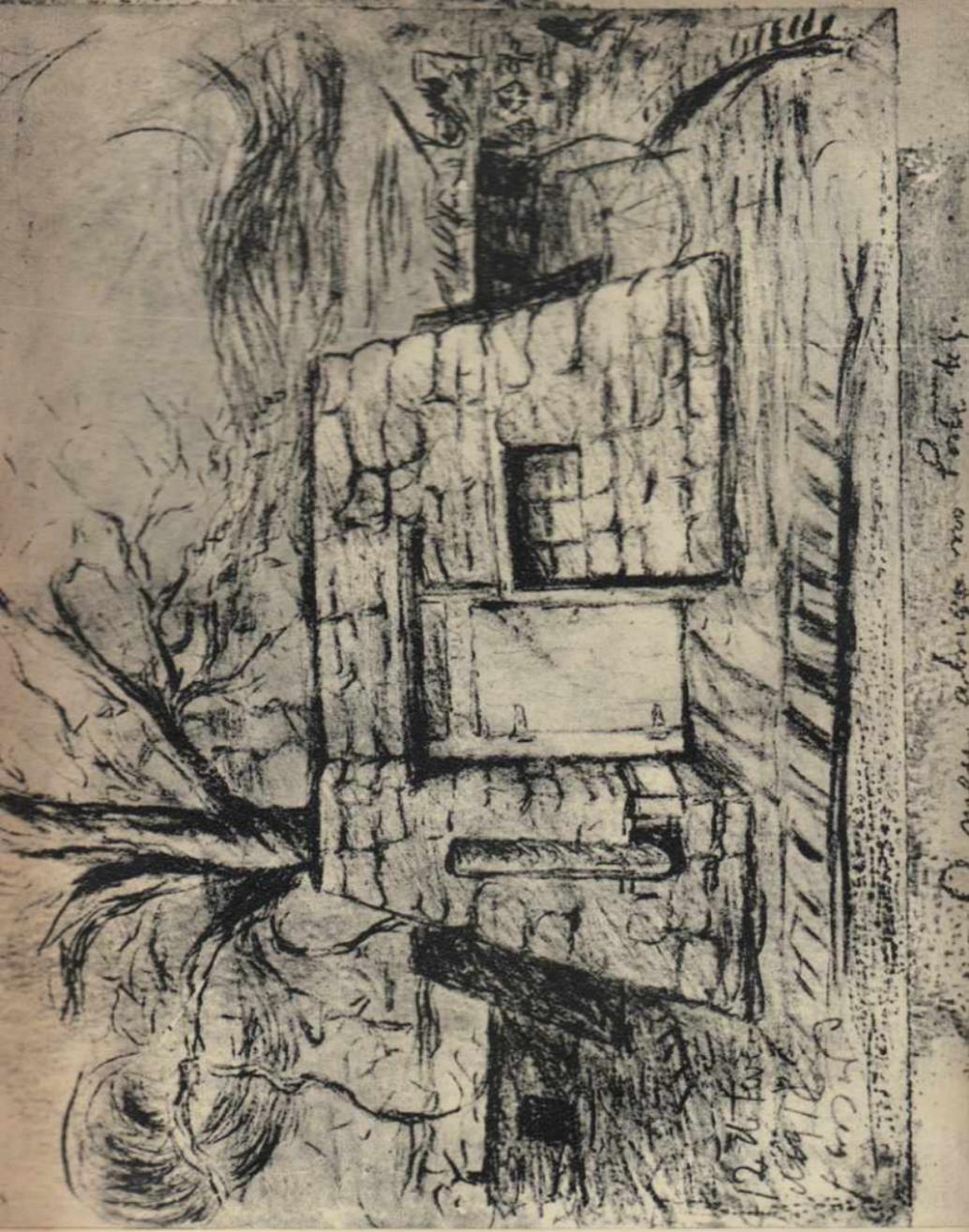
(1) A «Nova Sylva», fundada a 2/2/1907; dela conhecemos apenas 4 números.



Com a esposa, em vésperas de partida para a guerra
(Agosto de 1917)



Em França, na
Grande Guerra
(Fevereiro de
1918)



Desenho de Jaime
Cortêsão do seu
abrigo na Grande
Guerra

JAIME CORTESÃO

representante da Escola Médica no Comité dirigente da greve no Porto (1).

Durante o espriar da vaga revolucionária, que foi a greve, o espírito inquieto e culto de Cortesão leva-o a fundar com alguns companheiros do movimento grevista — Leonardo Coimbra, Cláudio Basto e Álvaro Pinto — «A Nova Sylva»; participa também na organização do centro «Os Amigos do ABC».

Nessa efémera revista académica aparecem irmanados já nos seus primeiros ensaios os três homens que, breves anos depois, formam o núcleo ao qual se ligariam Teixeira de Pascoaes e Augusto Martins para erguerem a «Renascença Portuguesa».

Os cinco números de «A Nova Sylva» são, de facto, os primeiros voos de «A Águia». Aí Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra esboçam já, potencialmente, os tipos de pensamento e cultura a que darão forma definitiva em «A Águia».

Em «A Nova Sylva», Cortesão mostra-nos, ainda, um quase ignorado aspecto das suas multiformes aptidões artísticas com vigorosos desenhos, entre eles os *portrait-charges*, de João Chagas e António José de Almeida a ilustrar as portadas dos dois primeiros números.

Terminada a greve, extinta «A Nova Sylva», não afrouxou a intensidade na acção dos seus elementos directivos.

(1) Do grupo famoso de «Intransigentes» da Escola Médica do Porto existe apenas o condiscípulo de Jaime Cortesão, Dr. Artur Alves Ferreira, afirmação incorruptível do ser moral nestes amargos dias; constituíam-no ainda Alexandre Queirós e César F. Torres (1.º ano); Cláudio Basto, Pedro Vitorino, A. Mendes Leal, J. Ferreira Alves, M. Ruivo da Fonseca, Virgílio Ferreira (2.º ano); A. Ribeiro Seixas, Miranda Guimarães, José de Almeida e Seixas (3.º ano). Jaime Cortesão, como A. Alves Ferreira, frequentava o 2.º ano.

Logo no ano 1908-1909, o último de frequência escolar no Porto, Jaime Cortesão, Augusto Martins, Leonardo Coimbra, e outros, pensam estruturar o escol académico em redor dum centro de doutrinação e combate: «Os Amigos do ABC» — cujo título evidencia a influência de Victor Hugo, mas onde, em verdade, dominava uma ideologia libertária.

Desse club político fizeram parte muitos dos jovens mais vigorosa e mentalmente capazes da Academia. A sua influência cultural e ideológica foi enorme, repercutiu através de gerações.

Nesses dias luminosos aí era lido e comentado Kropotkine como um profeta dos tempos, visionário duma humanidade perfeita para a juventude de então. Ninguém ignorava «A Conquista do Pão», livro apaixonante de ressonância universal, sermão da montanha herética.

Em 1909-1910, Jaime, Leonardo, Martins e António Bonfim Barreiros vão para Lisboa, o primeiro a concluir os estudos de Medicina, os outros para frequentar o Curso Superior de Letras.

Terminados os cursos, Martins e Leonardo, já proclamada a República, vêm iniciar o professorado no Liceu onde fui aluno de ambos. Em breve a nossa amizade se tornou fraternal.

Pouco tempo depois regressava também Jaime Cortesão e nele encontrei a mesma enternecida receptividade de amigo.

Assim conheci esses homens, que nossas imaginações febris de moços nimbavam duma auréola de quase semi-deuses.

Jaime Cortesão era uma figura apolínea, soberba, de face rósea, levemente salpicada de sardas, com barba doi-

J A I M E C O R T E S Ã O

rado-fulva. A fala espirituosa, de timbre suave, a sua excelente cultura literária e a elegante qualidade de expressão, que sempre o distinguiu, tornavam-no um conversador inesquecível.

Reinstalados no Porto, os três homens de arte e ciência imediatamente retomaram os seus trabalhos culturais e políticos (1).

Foram grandes organizadores — constituição excepcional em portugueses.

Jaime e Leonardo ligam-se ao poeta da «Senhora da Noite», Teixeira de Pascoaes e, com o apoio da vontade inquebrantável de Álvaro Pinto, lançam «A Águia», a seguir a «Renascença Portuguesa» e mais tarde a «Universidade Popular».

Augusto Martins — um alto valor desaparecido tão novo, vítima duma má-fortuna que não merecia —, fundador da revista «Portucale» quando a «Renascença», exausta, se dissolveu, acompanhava-os com a colaboração discreta de um amigo incomparável.

Para esboçar a obra tenaz realizada, em todos os sectores da cultura portuguesa, por esses homens superiores; para compreender que sonho de imortalidade e humanidade os conduziu, e medir a ressonância que produziram no domínio político-social, exigir-se-ia um meditado estudo. Que alguém tente um dia escrever essa página flamejante

(1) O Porto ficara a capital da liberdade após o 1820. As suas tradições liberais e cultas marchavam de par; ao mesmo tempo que enviava deputados republicanos ao Parlamento, mantinha vivíssima a chama da sua cultura. Aqui viviam ainda em 1910: Guerra Junqueiro, Basílio Teles, Sampalo Bruno, Joaquim de Vasconcelos, Carolina Michaelis, Júlio de Matos, Magalhães Lemos, Plácido da Costa, Maximiano Lemos, Sousa Júnior, Paulo Marcelino, Duarte Leite, Gomes Teixeira, Ferreira da Silva, Pádua Correia, Teixeira Lopes, Cândido da Cunha, Marques de Oliveira, António Carneiro, Augusto Nobre, etc., recordando apenas os já desaparecidos.

A OBRA E O HOMEM

da Liberdade em Portugal, e ver-se-á como foi numa atmosfera de fôrnalha, de paixão e violência, por vezes, que se temperaram essas inteligentes e poderosas vontades criadoras, e nunca no policiado silêncio duma sociedade sem problemas ou na calma das horas sem expressão.

No fragor duma vida agitada, na sanha duma combatividade sem tréguas, brotaram esses valores que geraram o movimento intelectual donde saíram, directa ou indirectamente, as correntes dominantes do pensamento português deste século.

Eis um fenómeno que, longe de ser novo, não deixará de surpreender muitos de quantos supõem que só na disciplina e na ordem vigiadas uma sociedade pode produzir e valorizar-se.

Outubro de 1961

(Texto inédito)

2

A RENASCENÇA PORTUGUESA E O MOVIMENTO DAS UNIVERSIDADES POPULARES

(Carta e resenha inédita de Álvaro Pinto)

Lisboa, 9 de Novembro de 1951

Exmo. Senhor
Dr. Jaime Cortesão
Rio de Janeiro

Meu caro Jaime:

Aqui tens rápidas notas sobre o que desejas saber.
A. B. C. — Creio que este grupo foi fundado em 1908,